



Publicação semanal literaria e illustrada

Propriedade e direcção de JORGE GONÇALVES

Redacção e administração — Rua do Arco a Jesus, n.º 81-1.

Composição e impressão — Sociedade Nacional de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado

Avulso 2 centavos (20 réis) ADMINISTRADOR-EDITOR — AMADEU DE MACEDO



Diamantino Mourão

Fragmento

NATAL! Ano Bom!... Boas festas!

Doze mezes vóam céleies na ampulheta doirada do Tempo! Creaças, homens, mulheres, brincam, estudam, trabalham, estiolam-se! Nos jardins, nas ruas, nos collegios, nas fabricas, nas officinas, no mar, no campo, na serra, a grande familia humana luta pela Vida! E os doze mezes, vóam céleies na ampulheta doirada do Tempo!

Chega o Natal! Palavra magica de um doce encanto, data tradicional do nascimento de um filosofo... E o tempo parece dar treguas á sua interminavel rotaçáo, reunindo as familias n'uma quietude doce, pacifica, confraternisadora, n'uma comunhão de beijos, de caricias, de alegrias, de festa! Até o incendio, medonhamente atroz, ardendo na pira incandescente da guerra que devasta o mundo, parece apagar-se momentaneamente, transitoriamente, para que a todos chegue o perfume dulcificante da Festa do Natal! E o conforto, a tradiçáo, a Paz!

Chega o Ano Novo: Em cada peito se acende um novo sol de esperanza! Todos querem desvendar através a bruma luminosa do Futuro, uma nova era de bem-estar, um novo horizonte de venturas! E então, pobres e ricos cíciam doceente, reciprocamente: Boas festas... Boas festas!...

E sobre esta fragil barquinha, os timoneiros da "Canção de Portugal", á mercê das ondas, ao sabor da viraçáo, afrontando a vaga aliterosa d'este mar imenso da Vida, vão singrando, remando, afastando escóthos, afogando angustias, ensaiando sorrisos, — n'um supremo sacrificio, — até atingirem este final de 1916, a primeira "Étape" do nosso esforço, secundado pelo carinho dos nossos amaveis leitores, dos nossos bons assinantes! A vós sómente, — leitores e assinantes — e á nossa boa vontade, deve este semanario a sua curta vida, que todavia nos parece longa, por tanto trabalho dispendido! A gratidão de que vos somos devedores, obrigamos a caminhar, a proseguir na nossa rota, lutando, sofrendo, sorrindo, — rasgando o himen luminoso e incoercível d'esta entrada de 1917, n'uma ancía carinhosa de chegar ao fim, n'um desejo fremente de triunfar, de proseguir, de vencer!

Eis porque vos bradamos, no limiar do novo ano, com o coração em festa, com a esperanza dentro d'alma, gíatamente, comovidamente:

—Boas festas! Boas festas!

A REDACÇÃO.

Quando, no futuro, algum escritor de pulso insculpir no Livro a historia minuciosa da Guitarra, caber-lhe-ha a obrigação inadiavel de colocar na primeira linha, em letras de ouro, o nome illustre do notavel guitarrista Diamantino Mourão. De muito novo, floresceram na sua alma de artista a paixão ardente da Musica, o culto fervoroso do Fado. Tomando então nos braços, em pleno vigor da mocidade, a cariciosa guitarra, sua companheira de sempre, obrigou-a a sentir e a dizer todas as suas queixas, todas as suas amarguras, todas as suas alegrias, que traduzem as queixas, as amarguras e as alegrias da Raça Portuguesa. Os seus dedos finos, de um incomparavel poder de suggestáo, de uma extraordinaria fantasia de artista de escol-



faziam vibrar as plangencias emotivas do delicado instrumento, dando-nos todas as rutilancias das concepções cerebrinas e inspiradas de Wagner, Meyerbeer, Rossini! O falecido rei D. Carlos, que sabia apreciar a Arte pela Arte, não quiz perder o prazer espirital de ouvir-o, e felo-sentar na sala do conselho do Paço das Necessidades, como antes a fizera já, no historico palacio da Ajuda, sua mãe a rainha D. Maria Pia. E o artista insigne, sem que o luxo dos salões reaes, ou o fausto das moradias aristocraticas, pudessem de qualquer modo embotar-lhe os sentimentos nobres de singelo filho do Povo, só tinha olhos para a sua querida guitarra,

só tinha alma para exprimir, em vibrações apaixonadas, as notas plangentes do Fado, a difficil execução da Opera! Assim percorreu os palacios dos condes de Arnoso, de Seisal e outros, tornando-se o musico querido da aristocratica jeunisse, e indo levar — n'uma digressão artistica — o poder do seu talento por toda a provincia de Portugal e por terras de Hespanha, acompanhado de Elias Mourão e de Augusto Patricio. Foi ele o unico que até hoje soube dar-nos, em primeiro de execução, o fado corrido a duas vozes, soberbo e encantador dueto que a sua guitarra — tocando primeiras — e a de Carvalhinho — tocando terceiras — exprimiam de uma maneira maravilhosa! E, todavia, hoje o ex-artista encontra-se hospitalisado e muito doente, não podendo continuar — no actual momento — a recrear-nos o espirito com a chama rutilante do seu formoso talento! Que grande deve ser a sua saudade! Mas a Canção de Portugal — ao prestar-lhe esta justissima homenagem — deseja ardentemente o seu regresso á Vida, como artista, e a sua volta ao Lar, como amantissimo chefe de familia, extremosissimo pelos seus queridos filhinhos. E d'esse regresso á Vida e d'essa volta ao Lar, depende, implicitamente, a volta ao convívio dos amigos que o amam e o estimam.

Avelino de Sousa.

Aos nossos agentes da provincia

A todos os nossos agentes da provincia pedimos a fineza de nos enviarem as importancias dos seus debitos em atraso e as do mez corrente até ao dia 10 do proximo mez de Janeiro, a fim de podermos fechar as nossas contas do ano corrente.

Como temos alguns agentes que ha muitos mezes não nos prestam conta, prevenimos esses senhores de que lhes será suspensa a remessa do nosso semanario depois do dia

acima fixado, rogando aos nossos leitores que estão costumados a adquirir a Canção de Portugal por intermedio dos mesmos senhores que se dirijam a esta administração a fim de que o jornal lhes seja enviado directamente.

A Canção de Portugal começará brevemente a distribuir um brinde mensal a todos os assinantes inscritos nos seus registos de assinaturas.

Era por uma tarde serena, melancolica! O sol morria n'uma agonia lenta e o azul purissimo preparava-se para amortalha-o, n'umas faixas rubras e pardacentas.

As avesinhas adormeciam nos ninhos, aconchegando — nos élios da mais bendita ternura — os filhinhos ainda implumes. O mar levantava alvos lençoes de espuma, que se quebravam de encontro aos rochedos, desfeitos em pranto...

Sobre a areia finissima reluziam as conchitas doiradas, e, sobre as aguas, estendera o sol uma estrada d'oiro por onde saltitavam as gavotas.

A aragem leste sacudia, de quando em quando, umas gotas de agua cristalina que dir-se-iam lagrimas dispersas choradas pelas virgens sensiveis...

Tarde deliciosa! Só no meu espirito pairava um supremo constrangimento que me torturava! Pegára na pena uma infinidade de vezes, tentando reproduzir esses devaneios que me iam na alma, mas a inspiração recusava-se... Chamei pelas musas, invoquei os espiritos bellos, e, todavia, na minha mente, só a indiferença pairava! N'este momento, ouvi quasi indistintamente uns écos distantes que semelhavam gritos d'um peito soluçante. Aproximavam-se...

Entre um rancho de alegre mocidade, seguia tristonho um boémio sonhador, tangendo suavemente uma guitarra harmoniosa, e a sua voz, erguendo-se n'um fado suavisimo, tinha acentuações comovedoras, vibrantes, argenteas, descendo n'um tremor mavioso, como o trinar das avesinhas ingenuas que pouco antes se haviam aconchegado aos ninhos de amor!

E esse boémio esturdiu que cantava, essa creatura suave que eu via com saudade perder-se ao longe, fizera-me derramar uma torrente de lagrimas, — d'essas lagrimas benditas, verdadeiras, que nascem da sua verdadeira fonte e brotam dos nossos olhos cançados!

... E n'aquella tarde sonhadora, em que a Natureza suspirava entre perfumes, escrevia eu, cheia de inspiração, os sonhos mais bellos da minha alma triste e melancolica!

Silves — 1916.

Toujours Triste.

Expediente

Prevenimos os nossos estimaveis assinantes da provincia, cujas assinaturas terminam n'este numero, de que, tencionando renovar-as, deveráo fazel-o o mais breve possivel, o que agradecemos, evitando-nos assim as despesas de cobrança, que muito agravam a situação financeira do nosso semanario.

CANTARES

A canção de Portugal

Aquela doce crença,
De olhar vivo, inteligente,
Perguntou-me curiosa:
—O que é a patria da gente?

Como é formada a alma
De quem nasce em Portugal,
Que não ha, dizem, no mundo
Quem a tenha assim, igual?

—A patria, lhe respondi,
Contente de tal pergunta:
E' a nossa linda terra
Que tantos encantos junta!

São os doces pinheiras,
Os vinhedos verdejantes,
Os trigues, searas loiras,
São as fontes soluçantes...

—E' tudo isto, crença,
Que simplicidade nua.
Que forma a alma do povo,
Ingenua, tal como a tua...

Alma que sofre cantando,
Alma gemea do luar
Em noites belas de Fado,
Com guitarras a chorar...

Mas o Fado, que é o Fado
No seu tão doce lamento?
E' a tua ingenuidade,
E' o nosso sentimento...

Alma vibrante da Raça,
A Canção de Portugal,
E' o hino meigo e lindo
Da patria sentimental!

Coimbra

A unica mãe

Tinham decorrido vinte e sete anos...
Vinte e sete anos de luta, de infortúnio
e de desenganos...

Abandonada por uma criatura a quem
os preconceitos impedem de dar ao mundo
o espetáculo sublime do santo nome
de mãe, a pequena Isaura bem cedo foi
arrastada para todas as tentações...

Tinha que succumbir e succumbiu.
De amante em amante, de miseria em
miseria, de queda em queda, assim foi res-
valando até ao infimo da escala social.

Não raro as lagrimas sulcavam a fronte
d'aquela infeliz.

E' que, n'esses momentos cruciantes, ela
lembrava-se de que, nunca tendo conhe-
cido mãe, não tinha um regaço amigo onde
se acolher...

Como o mundo parece deserto, apesar
de povoado, sem as caricias maternas!

Ela pensava em tudo isto e chorava...
Depois enxugava as lagrimas e canta-
va...

Que suave era então a sua voz e com
que sentimento entoava as suas canções
magoadas!

Juntamente com as suas estrofes dolo-
ridas, pedaços do seu livro de infortúnios,
a sua dileta confidente—a guitarra—que
ela amorosamente cingia nos braços, des-
pedia uns acordes tristes como a sua vi-
da... grandes como o seu infortúnio...

Cançada de cantar vinha-lhe o sono
baixar as palpebras dos seus macerados
olhos...

E' que o sono é ainda o lenitivo dos
desgraçados. Ao menos, durante essa in-
consciencia, estamos livres de dores e so-
nhamos, talvez, coisas deliciosas.

O sono repara; mas a embriaguez, se
nos faz esquecer, também nos materialisa.

Assim ia a pobre Isaura sofrendo, can-
tando, sonhando e... talvez resignando-
se...

Um dia parou uma carruagem a curta
distancia da sua miseravel habitação.

No primeiro instante julgou que fosse
algum companheiro de estúrdia, que a
viesses buscar para alguma loucura...

Não era o que pensava...

Uma dama velada, modestamente vesti-
da, mas que denotava pertencer a classe
elevada da sociedade, irrompeu pela porta
dentro, lançou-se de joelhos e exclamou:

Trovas do povo

«Não ha bem que sempre dure,
Nem ha mal que não se a-abe».
Só não ha tempo que leve
Minhas maguas que Deus sabe.

A vida é tal como o fumo
Que se evola dos casaes:
Ao sopro da ventania
Some-se p'ra nunca mais.

E' todo feito d'enganos
Este mundo d'ilusão.
Quem mais mente é mais honrado
Quem tem honra não tem pão.

Nunca digas com vaidade:
—D'est'agua não beberei».
Que eu não julguei n'esta vida
De chegar ao que cheguei.

Não te rias da desgraça
Não vá ela ter contigo.
A infeliz que ali vés
Vae soffrendo igual castigo.

Perdeu-te um amor fatal
E és no mundo infeliz.
—Bem creada e malfadada
O destino assim o quiz.

—«No bom pano a nodoa cae»
Mas só mancha o mau traidor;
O trabalho a falta encobre
Tal traição aparta amor.

Tu juraste ser só minha
No teu amor fiquei crente.
Mas já quebraste essa jura
—Quem mais nos jura, mais mente».

Augusto Pires.

—Filha! São vinte e sete anos de re-
morsos e de expiação que venho resgar-
tar! Sou tua mãe, vem comigo!
E descobriu o rosto...

Era formosa como os anjos...
Mas a pobre Isaura, como que petrifi-
cada por tanta dor e tanta miseria, não se
moveu.

A dama repetiu:
—Vem receber o calor dos meus be-
ijos, a ternura dos meus abraços e o con-
forto da minha riqueza!

—Não!
—Que dizes? perguntou a dama dorida-
mente.

—Digo, minha senhora, que nunca tive
mãe! Que ternura me pode compensar
vinte e sete anos de abandono? replicou
altivamente.

—Olhe, eu não falei verdade. Eu tenho
mãe... confidente das minhas magoas,
chorando se eu choro e nunca me aban-
donando, a essa doce amiga devo horas
de conforto moral. Quer vê-la? Eil-la!

E silenciosamente apontou para a sua
querida guitarra... a confidente das suas
alegrias... a secreta confidente dos seus
pezares...

Norberto Luiz Correia
(Zé Nabo)Subscrição a favor da viuva
de Carlos Harrington

Em harmonia com as palavras proferi-
das no discurso do nosso camarada Ave-
lino de Sousa, quando do funeral do nos-
so desditoso amigo Carlos Harrington, a
Canção de Portugal vem mais uma vez
apelar para a magnanimidade dos seus
assinantes e leitores abrindo uma subscri-
ção para minorar a situação alitiva em
que se encontra a desditosa viuva do in-
fortunado poeta.

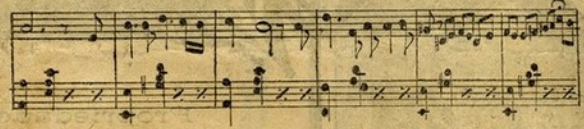
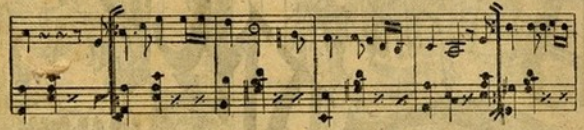
Transporte..... 9\$50
Um anonimo..... 1\$00
A transportar..... 10\$50

LUCIANO AMARAL BOTTO MACHADO

Vindo de Gouveia, encontra-se em Lisboa o
nosso amigo e assinante sr. Luciano Amaral
Botto Machado que nos deu o prazer da sua vi-
sita que muito agradecemos.

CANÇÃO DOS BEIJOS FADO-SERENATA

Musica e letra de MAIA DOS SANTOS



E' um ninho a tua bôca
Os meus beijos passarinhos,
Deixa que eles p'r'ahi vão
Têm frio coitadinhos.

Quando te sentem de perto
Ou quando tu lhes sorris
Abrem ligeiros as azas
Pequenas e gentis.

Querem fugir para ti
Com aquela es'prança louca:
De ficarem a sorrir
E a cantar na tua bôca.

Cantares lusitanos

MOTE

Bateu-me um dia a tristeza
das portas do coração,
entrou, achou-se á vontade
e cá ficou desde então.

GLOSAS

Porque a alguém tentei dar
d'esta minh'alma a pureza,
sem remorso, sem peza
bateu-me um dia a tristeza.

E mandou que o sofrimento
(vejam a sua aversão)
me puzesse fel cruento
às portas do coração.

Foi n'esta altura que o amor,
que já de boa metade
d'este orgão era senhor,
entrou, achou-se á vontade.

Depois, ousado, inclemente,
cognominou-se «paixão»,
tornou-se forte, potente,
e cá ficou desde então.

Seixal—1916.

Cantador das Ruas.

A nossa sucursal

Com o fim de facilitarmos as
nossas relações com o publico, ob-
tivemos do proprietario da acredi-
tada **Tabacaria Saraiva, em
frente da sacristia de S. Do-
mingos, 4 e 6,** a amabilissima ce-
dencia da sua casa, para ali insta-
larmos a **nossa sucursal.** N'esse con-
ceituado estabelecimento recebem-
se assinaturas para este semanario,
vendem-se coleções completas ou
quesquer numeros soltos e aceitam-
se os originaes que os nossos cola-
boradores porventura ali queiram
deixar endereçados a nossa redac-
ção. E', pois, um melhoramento por
meio do qual o publico evita a ma-
çada de ir mais longe, porquanto a
tabacaria Saraiva está situada n'um
dos pontos centraes da capital.

**A Canção de Portugal começará
brevemente a distribuir um brinde
mensal a todos os assinantes inscritos
nos seus registos de assinaturas.**

**Publicam-se todos os originaes
que nos sejam enviados da provincia
desde que sejam escritos em harmo-
nia com a indole do nosso jornal e
que noticiem festas populares ou par-
ticulares onde se salientem as canções
portuguezas.**

**O nosso semanario dará noticia e
anunciará gratuitamente todas as
obras literarias que nos forem envia-
das.**

Trovas soltas

*Eu qu'ria sei d'outras eras,
dos tempos aventureiros
de fidalgos e duques
e de nautas e guerreiros!*

*Este mundo é bem pequeno
para meus sonhos conter:
é por isso que eles morrem
mal acabam de nascer!*

*Olhos negros como a noite
andorinhas a voar...
Estudantes embuçados
quando vão p'ra namorar...*

*Olhos azues como o céu,
olhos azues como o mar...
Só gosta de olhos azues
aquele que sabe amar!*

*Ai! Quem me dera, senhora,
ser rosa ou amor perfeito
para estar a toda a hora
pregado no vosso peito!*

*Eu qu'ria poder, d'um vôo,
á minha terra chegar...
Voar contigo, andorinha,
voai contigo, voar!*

*Larguei ás ondas segredos
d'este meu peito a chorar...
Eram saudades de ti,
oh! Ilha, deusa do Mar!*

*Percorri o mapa todo
par'á minha encontrar...
Mas trago-a no coração
por isso a não pude achar!*

*Cantae o Fado, cantae,
que o Fado é uma oração,
chorando toda a desdita
soluça no coração!*

F. N. Q.

A Canção de Portugal começará brevemente a distribuir um brinde mensal a todos os assinantes inscritos nos seus registos de assinaturas.

Grande sorteio do Natal

Como o nosso jornal entra na maquina á sexta-feira á tarde, a fim de estar pronto no sabado pela manhã, de fórma a ser distribuido pelas tabacarias de Lisboa e enviado para os nossos agentes e assinantes da provincia e da capital, só no proximo numero poderemos dar o resultado do sorteio que se deve efectuar na segunda-feira, por não termos podido fazer remessa para a provincia de todas as senhas correspondentes aos *coupons* que d'ali nos foram ultimamente enviados, faltando-nos ainda fazer a remessa aproximadamente de cento e vinte cartas.

Entretanto aproveitaremos o ensejo para expôrmos, durante a proxima semana, os objectos que nos foram cedidos gentilmente pelas diversas casas commerciaes e por algumas pessoas da nossa amizade, na montra da conceituadissima casa *Barateiro dos Paulistas*, de que são proprietarios os srs. Braz & Veiga, situada na calçada do Combro, n.º 91-93.

AOS SENHORES COLABORADORES

O correio tem-nos trazido cartas multadas por não serem convenientemente franquadas. Declaramos que não recebemos essa correspondencia, ficando a declaração feita para nos não ser reclamada a falta da publicação de originaes que nos sejam enviados n'essas condições.

No publico da provincia

A local publicada no nosso numero anterior na qual annunciavamos aos nossos assinantes e leitores da provincia que nos encarregamos da escolha e aquisição de musicas e de instrumentos de qualquer especie nas mais vantajosas condições e sem agravamento de despeza a não ser o de embalagem e transporte, deu origem a que muitas das nossas gentis leitoras nos escrevessem pedindo-nos que tomassem outras incumbencias que podessem suprir a falta das suas relações na capital, dando-lhes informações ou facilitando-lhes a compra de quaesquer objectos que só se obtem facilmente nos grandes centros commerciaes.

Não era nosso proposito sair fóra das especialidades compatíveis com a indole do nosso semanario, mas, no intuito de manifestarmos a todo o publico da provincia e principalmente ás nossas amáveis leitoras a nossa gratidão pelo benevolo acolhimento que tem dado á *Canção de Portugal*, resolvemos satisfazer-lhes todos os seus pedidos tratando-lhes de tudo, inclusivamente das suas *toilettes* para o que entablámos negociações com uma das principaes modistas de Lisboa que, por preço modico, se propõe confeccional-as pelos mais modernos figurinos, com rigorosa perfeição e rapidez.

Toda a correspondencia que diga respeito a este assunto deve ser dirigida á sr.ª D. Maria do Rosario Rey do Rio, rua do Arco a Jesus, 81, 1.ª, acompanhada da respectiva franquia para a resposta.

Consagração ao Fado

Na Caixa Economica Operaria, rua da Infancia (á Graça), realisa-se no domingo, 31, ás 14 horas, uma grandiosa *matinée*, promovida por uma commissão em consagração ao Fado. O programa será o seguinte:

- 1.ª parte—Poesia por N. N.; monologos pelo ator A. Restolho.
 - 2.ª parte—Palestra sobre o Fado por um conhecido jornalista; variações pelos distintos guitarristas Reinaldo Varela, Luiz Petrolino, Armando Augusto, Cirilio Cabrita e João Camilo, acompanhados á viola pelos srs. N. N., Antonio Duarte, Luiz Marino e João Gonçalves.
 - 3.ª parte—«O Fado da Esturdia», da revista «31», pela novel amadora Ludovina Martins; «O Fado do Ganga», pelo sr. Gabriel Pacheco, e «Canções ao Fado», pela sr.ª Ludovina Martins, e pelos srs. Fernando Teles, João Maria dos Anjos, Martinho d'Assunção, João da Fonseca, Armando Barata, Estevam José Machado, Antonio Pedro Machado, Antonio Lado, Guilherme Simões, Alfredo dos Santos, Raul Pinta e Pedro dos Santos.
- Abrihanta esta festa a «Troupe de Bandolinistas Recreio Familiar».

Angariadores de anuncios precisam-se para este semanario, em Lisboa e na provincia. Dão-se commissões vantajosas.



Henrique Martins Vagueiro.—Com a inesgotavel e evangelica paciencia que me caracteriza vou responder a uma carta cheia de insultos que v. ex.ª enviou a esta redacção e na qual, tanto eu como o director d'este semanario, somos atingidos. Vamos, porém, por partes: O meu camarada e amigo Jorge Gonçalves, proprietario e director d'este jornal, chamou-me para o seu lado a fim de que eu exercesse as funções de secretario ou chefe de redacção—como queiram chamar-lhe—ficando, consequentemente, a meu cargo ler, emendar e dar, enfim, o destino que julgasse conveniente aos originaes que para aqui são enviados. Sou eu, pois, que tudo dirijo n'esta folha, mas sempre com a sanção de Jorge Gonçalves, que sabe muito bem o que ao seu jornal convém e o que lhe é proveitoso. Comecei exercendo o meu cargo no dia 1 de outubro, vindo a talhe de foice lembrar a v. ex.ª, que a secção *Marco postal* já existia feita pela mesma forma ironica ou trocista sem offensa para ninguém, antes da minha entrada para esta redacção. Toda a gente que está habituada a ler semanarios, sabe que estas secções, quer se chamem *Marco postal* ou tenham qualquer outro titulo, servem sempre para responder com mais ou menos graça, com mais ou menos piada, áqueles que para taes semanarios escrevem e cujos originaes, por qualquer motivo não convem que sejam publicados.

Assim se fez sempre no velho jornal *O Pimpão*, dirigido por um poeta muito distinto que é Alfredo de Moraes Pinto, *Pantarantula*, e onde colaboravam assiduamente Gervasio Lobato, Silva Pinto e outros escritores illustres; assim se fez na *Chacota*, assim se faz ainda nos *Ridiculos*, etc. Essas piadas, ao contrario do que v. ex.ª diz, tem o proveito de servir de estimulo e incentivo aos produtores de má prosa ou de versos maus, que, como succede com a maioria dos nossos colaboradores por elas atingidos—diligenciam corrigir as suas produções enviando-as de novo a esta redacção, já um tanto mais aceitaveis, dando-lhe nós, é claro, uns ultimos toques. A enorme quantidade de original em prosa e verso, que semanalmente aqui recebemos, vem na sua maioria cheia de erros de metrica, de sintaxe e de gramatica, e sou eu com a minha grande paciencia e fraquissima competencia, que desempenho a tarefa ingrata de concertar, de emendar, de tornar mais viaveis, enfim, esses aleijões. E' de supor, todavia, que eu concerto o que merece ser concertado, e deito fóra o que não presta, porque, evidentemente a *Canção de Portugal* não é um collegio de meninos, nem um mictorio onde toda a gente bolse o amoniaco das suas vias cerebraes!

E', pois, para esses aleijões mais ou menos informes, que eu lanço mão do *Marco postal*, rabiscando uma ou outra facecia, sem intuito—note v. ex.ª bem—de offender seja quem fór. Ora a sua trova *Desventura*, tratava de principio ao fim da sua descendencia de sifilíticos, e o sr. Jorge Gonçalves—que é o patrão—entendeu não a dever publicar, por tratar de um assunto escabroso que poderia ser desagradavel a uma grande parte dos nossos assinantes que são meninas e senhoras. Adepto fervoroso da arte forte e realista de Emilio Zola, eu publicaria a sua trova—embora ela não fosse positivamente um documento scientifico—se o jornal fosse meu. Não o sendo, porém, como não é, obedeci ás ordens do meu patrão Jorge Gonçalves, e respondi no *Marco postal* com o intuito apenas de brincar, que a sua «Desventura» tinha errado o caminho... Isso é com o *Dias Amado!* Pareceu-me natural a piada, visto tratar-se de um caso de sifilis e aquelle pharmaceutico vender um *Depurativo* que pretende realisar a cura de tal molestia. Respondi assim, como poderia ter respondido que a mandasse para Faro! Onde está, pois, a offensa?...

Não a vejo! V. ex.ª, porém, julgou-se melindrado nos seus pruridos de poeta ou no seu amor proprio de literato, e d'ahi, o pegar na pena e escrever-nos uma carta cheia de insultos e doestos, na qual nos acoima de *educanda de casas religiosas*, de *besta*, etc., etc.

Admitámos, porém, por um momento, que eu fui ou tenho sido malcriado na secção *Marco postal*: qual era o dever de V. Ex.ª, na sua qualidade de *criatura educada e educadora, ébria dos litros de chá que tomou em pequenino?* Indubitavelmente, o dever de V. Ex.ª seria admoestar-me, por meio de palavras mansas e de conceitos filosoficos que me fizessem entrar na ordem! Mas se V. Ex.ª, para acoar-me de mal educado recorre ao insulto e ao doesto, prova *inso-facto* que não é mais bem educado do que eu! Ou não será assim? Querer castigar um crime, praticando um crime maior ou identico, não me parece consentaneo com a boa Logica, do que resulta V. Ex.ª cair no erro condenavel dos legisladores que, por meio da pena de morte, mandam matar a sangue frio e em nome da lei, o criminoso que matou n'um momento de desvario ou de sobreexcitação nervosa!

Guarde, pois, V. Ex.ª o *Manual de civilidade* para si, porquanto eu prescindindo d'ele e continuo a dizer-lhe que—em obediencia ao criterio do meu amigo Jorge Gonçalves, que orienta o seu jornal como entende—a sua *Desventura* errou o caminho... Isso é com o *Dias Amado!*

E sou capaz de lhe dizer isto seiscentas e seis ou novecentas e quatorze vezes!



VISÃO

MOTE

Tive um sonho venturoso,
Esta noite, meu amor...
Sonhei que dava mil beijos,
No teu rosto encantador!...

GLOSAS

No meio da desventura,
D'esta negra e cruel vida,
Só a tua imagem qu'rida,
Me traz alguma doçura...
*Tua beleza é tão pura,
Teu porte tão magestoso,
Que eu fico sempre vaidoso
Por ter-te em meu pensamento...
E esta noite, n'um momento,
Tive um sonho venturoso.

Se essa visão se tornasse,
Em bela realidade,
Não havia flicidade,
Que á minha se comparasse!
Quem me dera, que durasse,
Toda a vida, com fervor,
Tal sonho fascinador,
Mas foi breve esse prazer,
Só vi teu rosto apar'cer,
Esta noite, meu amor!...

Longe de ti, minh'amada,
A tristêza me avassala,
E nem o meu peito cala,
Paixão tão acrisolada.
E's um primor, uma fada,
Sacrário dos meus desejos!
Teem teus olhos taes lampejos,
Teus labios seduzem tanto,
Que n'eles—ó doce encanto,
Sonhei que dava mil beijos.

Mereces ser comparada,
À luz do sol mais brilhante,
Pois teu fulgor, radiante,
Traz minh'alma extasiada...
E, ao despontar a alvorada,
Quando as aves, com ardor,
Trinam canções de valor,
Quem d'era poder gosar,
O prazer de te oscular,
No teu rosto encantador!...

UM QUADRO

(Para o João Maria dos Anjos)

MOTE

No painel do Pensamento
Ha imagens variadas:
Luxuria, Fome e Grandeza
São ali representadas.

GLOSAS

A grande t'ela da Vida
Onde abundam podridões,
E' composta de ilusões,
N'uma lula desabrida.
A Razão, sempre vencida,
Quer o seu resurgenceio.
E' 'squecido o Sentimento
Como nulo, sem valor.
Isto se vê, com horror,
No painel do Pensamento.

Entre nuvens de rancor,
De alegria e de cinismo
Impõe-se o Personalismo
Com todo o luxo e esplendor.
Vaidade, Miséria, Amor,
Em vertigens tresloucadas
Labutam desesperadas
Em desejos dissolventes;
E com grimaldas luzentes
Ha imagens variadas.

Iluminando as figuras
Brilha o facho do Destino!
Eis que o humilde, o libertino
Softrem, do revez, agruras.
Almas mui santas e puras
Afastam-se da Avareza.
Da Liberdade a destreza
Quebra os grilhões que escravizam,
E na Intriga se dividam:
Luxuria, Fome e Grandeza.

Mas a Mentira e a Verdade
Debatem-se loucamente,
Quando o Juizo paciente
Olha o Mundo com piedade.
Ao gesto da Crueldade
Justiça e Lei são 'smagadas!
Honra e Virtude abismadas
Olham p'ra cenas perversas,
Pois que, loucuras diversas
São ali representadas.

Á. Santos.

Finoru.

Ávelino de Sousa.

BEBAM A FINISSIMA
Agua do Alardo
A MELHOR DE MEZA

Rangel & Simões
103, Rua do Carmo, 105
LISBOA



Instrumentos musicos e acessórios.
Officinas de reparações
Catalogos gratis

Tátá & Rodrigues, L^{da}
Retrozelos
53, Rua Garrett, 55—LISBOA
Completo sortido d'artigos de retrozaria e novidades
TELEPHONE N.º 1175

Antonio Bastos
Comissões e Consignações
Exportador de Produtos nacionais e estrangeiros
Rua dos Remolares, 6, 1.º
LISBOA
TELEPHONE N.º 1487
22, Caixa de Correios, 22
Endereço telegraphico ANTASTOS

Rapidez e economia

TURCO
— DO —
CALHARIZ
Alfaiataria
— DE —
Miguel José Pereira
Atualmente:
Exposição das novidades sensacionais para inverno.
5, L. do Calhariz, 6
LISBOA



Empreiteiro
Encarrega-se por preços modicos de pinturas, caiações, estuques e quaisquer outros trabalhos de construção civil em Lisboa e fora.
C. de S. João da Praça, 108, cave
J. VIEIRA

Todas as musicas de piano
Todos os sucessos de dança
Todas as novidades de canto
se vendem na
Casa Valentim de Carvalho
37, Rua da Assunção, 39
LISBOA

ESTANCIA DE MADEIRAS
CARPINTARIA E MARCENARIA
Botto Machado, Irmãos
GOUVEIA
Madeiras nacionais e estrangeiras
CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES
Cal hydraulica, cimentos e gazolinas:
Moveis em todos os estilos, ferragens, tapetes, oleados, espelhos, vidros, etc., etc.
Serviço de mercadorias da estação de Gouveia para a vila.
Brevemente, maquinas de serração, aplainar, furar e moldar.

R. Potau & C.^a

FABRICA

— DE —

LADRILHOS MOSAICOS

Especialidade em lavadouros e depositos de cimento armado, tinas e lava-louças
de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

URALITA
Para telhados

MOSAICOS DE LUXO SEGUI

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa

Endereço telegraphico: EMPORDA

Ladrilhos mosaicos

URALITA PARA TELHADOS